



Relógio da Vida
60 Peças de 1 minuto

José M. da Silva
1995

Copy

Relógio da Vida

60 peças de um minuto

Copyright

por
José Manuel da Silva
1995

©

ÍNDICE

Algumas instruções	04
I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII	05
IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI.....	06
XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV	07
XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX, XXX, XXXI	08
XXXII, XXXIII, XXXIV, XXXV	09
XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XXXIX, XL, XLI, XLII	10
XLIII, XLIV, XLV, XLVI, XLVII, XLVIII	11
XLIX, L, LI, LII, LIII	12
LIV, LV, LVI, LVII, LVIII	13
LIX, LX	14

Copyright

Algumas instruções

- 1) Todas as peças têm a duração de um só minuto, incondicionalmente. No entanto, por facilidade, se for necessário prolongar ligeiramente uma delas, outra precisa ter sua duração reduzida. O tempo total jamais poderá ultrapassar os 60 minutos.
- 2) Um enorme relógio deve estar visível para a plateia; os minutos vão passando com o transcorrer das cenas. Um som de tic-tac começará a ser ouvido desde o primeiro instante, ainda com as luzes apagadas, e ficará audível durante **toda** a representação, sem interrupção, exceto onde indicado. Ele começa alto, durante a representação fica como som de fundo, e aumenta no final, quando as luzes se apagam. Início: luz apagada, acendendo-se gradativamente. Fim: luz se apaga gradativamente.
- 3) A ordem das peças não pode, de modo algum, ser alterada.
- 4) Durante as peças em que os atores rastejam, a plateia deve ouvir o som bem alto do tic-tac do relógio; o som cessa durante a representação das outras peças.
- 5) O resto fica por conta de atores e diretores.

NOTA: Se alguém achar esta peça cansativa, arrastada, pesada, meio mórbida e amarga, ela terá, então, cumprido seu objetivo.

JMS

Copyright

I

Um homem sujo, sem camisa, de short e meia vermelha (só no pé esquerdo) rasteja de um lado a outro do palco.

II

Entra no palco pelo lado esquerdo um homem de terno. Caminha até o centro do palco, para, retira de um bolso seu telefone celular, olha em volta enquanto fala, gira, sorri, desliga o aparelho e o guarda no bolso. A seguir, passa a mão nos cabelos e sai meio apressado.

III

Uma mulher encontra outra na rua. (Uma veio à frente da outra e foi chamada pela que entra depois; ambas entram pelo mesmo lado do palco.) As duas se beijam, riem, conversam. Uma conta algo e a outra ouve atenta. As duas saem juntas pelo mesmo lado por que entraram.

IV

Idem à anterior, mas cada uma sai por um lado (oposto ao lado por que cada uma entrou).

V

Um aluno sentado numa carteira, cabeça apoiada nos braços, dormindo. Uma professora chega por trás, para, fica olhando para ele e sai apressada e com raiva. O garoto acorda, levanta a cabeça bruscamente, espreguiça-se e volta a dormir.

VI

Um velho entra discutindo por um lado do palco (sem vozes) com uma mulher de meia-idade num supermercado, ambos com bolsas nas duas mãos. Súbito calam-se e saem do palco pelo lado oposto do mesmo. Ele atrás dela.

VII

Um casal sai nu de um apartamento (ela na frente) para o que seria o corredor do andar; os dois começam a se tocar, se abraçam, ela sobe nas coxas dele, trança as pernas na cintura dele e se segura em seu pescoço, ele se abaixa um pouco e fazem sexo. Gemidos baixos, gozam (ele antes dela). Depois, com naturalidade, entram no apartamento e fecham a porta, ele na frente.

VIII

O palco vazio e às escuras. De repente um grito de dor, repetido três vezes a intervalos curtos e regulares. O palco se acende por poucos segundos e se apaga novamente; ficará escuro por algum tempo até a peça seguinte.

IX

A iluminação volta gradualmente. Um homem gordo e uma mulher magra passam abraçados, ambos comendo uma barra de chocolate, rindo e conversando.

X

Um padre entra correndo, para no meio do palco, ajoelha-se, reza, enfia a mão por dentro da batina, masturba-se olhando para o céu, levanta-se mais ou menos devagar e sai naturalmente do palco.

XI

Um mendigo caminha bêbado até quase a outra extremidade do palco, arreia as calças, agacha, defeca e senta sobre a merda com as pernas esparramadas e a cabeça pendendo para a frente, assim ficando por poucos segundos. Levanta-se, suspende as calças, corre até o meio do palco, dá um grito, rindo para a plateia, e sai correndo pelo lado por onde entrou.

XII

Uma criança passa chutando o pai, que nem lhe dá atenção.

XIII

Idem à anterior, mas o pai tenta se proteger.

XIV

Um homem com um microfone na mão fazendo um pronunciamento (ouvem-se os tópicos “reforma agrária”, “saúde”, “educação”, “salário” e “alimentação” – pode ser o texto da cena XXXII). Leva um tiro, cai e fica alguns segundos deitado. A luz se apaga e volta logo com o homem já de pé, continuando o pronunciamento (sem o som da voz, só a mímica). A luz se apaga e retorna a voz do discurso inicial, que vai desaparecendo gradualmente.

XV

A luz volta. Duas crianças brincam na praia. Um grito pavoroso. As crianças param, entreolham-se e voltam a brincar. De repente, levantam-se e saem correndo, com expressões impassíveis.

XVI

Um homem e uma mulher bem vestidos rastejam por toda a extensão do palco.

XVII

Um poeta declama versos (início de “**Tabacaria**”, de Fernando Pessoa). De repente para, fixa a plateia (olhando no vazio) por alguns segundos e se retira de cabeça baixa.

XVIII

Um homem vestido de executivo entra carregando um computador (pode ser uma caixa de papelão, bem grande) e o coloca no chão no centro do palco. Agacha, entra por um lado do computador e sai por outro. Quando sai, apresenta aparência e gestos de doente mental e assim vai saindo do palco. A meio caminho da saída, recupera o ar e comportamento sérios de um executivo. Imediatamente após sair, entra um lixeiro com uniforme da Comlurb, para ao lado do computador, observa-o e sai arrastando o aparelho.

XIX

Uma mulher de camisola entra sambando e aos poucos cai e dorme em posição fetal, de costas para o público. A luz se apaga. Após alguns segundos, a luz se acende e a mulher sumiu.

XX

Luz acesa forte. Risadas de uma pessoa. Entra voz de outra pessoa rindo. Uma terceira. Param por alguns segundos. Voltam as três. Somem bruscamente.

XXI

Um homem bem vestido, com as mãos nos bolsos do paletó, caminha lentamente de cabeça baixa até o centro do palco, encara a plateia e para. Saca de uma arma, aponta para o público e atira. O som do tiro é muito alto (pré-gravado) e com ele a luz se apaga.

XXII

A luz volta logo depois e no lugar do homem estão duas mulheres de biquíni se beijando e se acariciando libidinosamente. Vão deitando no chão, simulam rápido ato sexual e deitam-se lado a lado. A luz vai-se apagando e tudo fica escuro por algum tempo.

XXIII

(Toda a cena se passa na penumbra - quase escuro.) Entram várias pessoas sambando - a música aumenta gradativamente e acaba também gradativamente, com as pessoas saindo.

XXIV

Luz de penumbra. Um homem de short e camiseta, uma mulher de vestido e uma criança de terno e gravata atravessam o palco, rastejando e gritando.

XXV

Luz diáfana. Um bêbado entra por um lado do palco e outro bêbado pelo outro lado. Os dois cambaleiam e param bem antes do centro do palco. Há súbita transformação: um deles vira um pastor protestante, com uma Bíblia na mão; o outro vira um militar armado (já vieram vestidos, mas agora a luz mais forte deixa ver suas roupas; a Bíblia e a arma vêm com eles, escondidas do público). Recomeçam a andar, cruzam-se, cumprimentam-se e vão-se embora pelos lados do palco opostos àqueles pelos quais entraram.

XXVI

Um homem (pode estar vestido de bobo da corte) entra no palco, chega à beira da plateia, simula que urina na plateia, sacode o pênis e vai embora. Quando sai, vai caindo dinheiro de seus bolsos. Atrás da camisa está escrito “**Poder Público**”.

XXVII

Toca a “**Marcha Fúnebre**”, de Chopin. Um homem vestido de diabo entra carregando um mapa do Brasil. Caminha até o centro do palco, para, encara a plateia, olha o mapa e sai pelo outro lado, lambendo o mapa lascivamente.

XXVIII

Um homem portando um violino entra por um lado do palco e simula tocar o instrumento. Ao mesmo tempo entra um rapaz fantasiado de metaleiro, com uma guitarra na mão e simula tocá-la e cantar. A luz começa a se apagar. O violinista vai caindo no chão e por lá fica; o roqueiro continua. A luz se apaga.

XXIX

A luz se acende. Um homem e uma mulher discutem no centro do palco. De repente param, olham-se e saem lado a lado, sem se falar. Quase fora da vista da plateia, o homem passa a mão na bunda da mulher, que não reage, e desaparecem.

XXX

Um adolescente bem vestido e uma velha rastejam toda a extensão do palco, gemendo.

XXXI

Um casal entra, os dois se deitam, cada um vira para um lado (ficam de costas um para o outro) e ambos se masturbam. Depois se viram um para o outro, abraçam-se e dormem. A luz se apaga.

XXXII

Luz apagada. Uma voz lê o texto abaixo (gravação: leitura rápida, bem acelerada, mas em estilo de âncora de jornal de tv), enquanto outras vozes gargalham.

“E agora, diretamente de Brasília, as novas medidas antigas econômicas para acabar de vez com a inflação e a fome no país. Os ministros reunidos, após autoduplicarem seus vencimentos, decidiram lançar um pacote salarial que inclui o aumento dos impostos existentes, a criação de outros cinco impostos emergenciais, o fim da alimentação e o congelamento do consumo dos preços, na mais abrangente medida hetero-homo-doxo-sexual dos últimos anos pós-modernos da modernidade, para o fim irreversível da educação popular. As novas determinações incluem ainda a prisão dos sonegadores e de todos os corruptos que se apresentarem espontaneamente aos quartéis da PM, nas próximas 48 horas, em tempo da refilmagem do clássico de Eddie Murphy, “João Ninguém: saúde para todos”. As projeções indicam estabilização do dólar e pulverização do cruzeiro real súper-híper-novo em dois meses, assim como o aumento da produtividade, do lucro e do desemprego rural dos carajás ianomumificados nas derradeiras invasões dos assentamentos sem-dente. Quanto à violência urbana, o governo reeleito roucamente pelo povo sujo acatou o projeto dos desembargadores, que prevê o início do julgamento de qualquer policial envolvido em crimes hediondos daqui a meio século de impeachment, recessos parlamentares e orações do Vigário da Candelária, quando também terão início as reformas agrárias decisivas para o processo de estratificação jurisdicional das famílias dos líderes ruralistas assolados pela fome incauta dos juro do leite podre...”

(Ao final, a voz vai sumindo e as gargalhadas também.)

XXXIII

Um homem estuda, sentado a uma mesa, cheia de livros. Ao final, levanta-se, joga os livros numa enorme cesta de lixo, apanha uma corda com laço, enforca-se e vai caindo. A luz vai se apagando.

XXXIV

Luz acesa. Uma mulher toma banho de chuveiro de calcinha e sutiã. Som de um telefone tocando. Ela se vira para a plateia, apanha um telefone sem fio de dentro da calcinha e fala em pleno banho. Depois guarda o telefone no sutiã e volta a se ensaboar. A luz se apaga.

XXXV

Luz acesa. Entra um homem bem vestido, carregando esquadros, régua, um canudo, papel e livros. Ele vem gritando “Agora vou consertar este país” algumas vezes. Para no meio do palco e ouve-se o som de várias metralhadoras. O homem cai e tudo se esparrama. Três homens de terno entram correndo e o levam embora. Enquanto saem, algumas pessoas maltrapilhas entram correndo e apanham seus apetrechos, saindo cada uma por um lado.

XXXVI

Um homem sujo, sem camisa, de short e meia azul só no pé direito, rasteja de um lado a outro do palco.

XXXVII

Entra um homem carregando uma televisão na altura da barriga. Algumas pessoas o acompanham andando de costas e olhando a televisão. São loucos e fazem gestos e caretas típicos de internos em hospícios. Cruzam o palco e saem.

XXXVIII

Entra um homem vestido com beca de formando e barrete, carregando um enorme relógio. Atravessa o palco, mas no trajeto várias pessoas o abordam: ele olha constantemente o relógio, não lhes dá atenção e prossegue o seu caminho até sair.

XXXIX

Dois boxeadores (fortes e a caráter) entram lutando e vão até o outro lado do palco. Um é nocauteado e cai. O vitorioso é carregado por um bando de mulheres que correm gritando para apanhá-lo (um coro misto, em off, entoia “Meu herói, meu herói...”). Quando saem, chega o treinador e dá chutes no caído. Dois homens entram e o arrastam para fora do palco.

XL

Entram duas mulheres, ambas muito bonitas: uma vestida normalmente, carregando uma pintura de Toulouse-Lautrec; a outra é uma perua, rebolando, andando sensualmente, toda maquiada e com minissaia de couro, colant decotado e meias espalhafatosas. Entram três homens pelo outro lado e se aproximam das duas, começando a cortejá-las. A perua sai pelo caminho que percorreu ao entrar, ladeada pelos três homens; a outra segue seu caminho até sair do palco.

XLI

Entram vários homens e mulheres vestidos de operários, estudantes, médicos, etc., empurrando um carro, onde estão uma grande pedra (pode ser de papelão) com um mapa do Brasil nela pintado. É preciso se destacarem um homem de terno preto, um padre, um homem fardado e um casal muito bem vestido. A luz vai se apagando, à medida que o grupo vai saindo pelo outro lado do palco.

XLII

A luz se acende. Um médico está sentado a uma mesa. Uma mulher entra, senta-se à sua frente. Ele a ausculta, prescreve, dá-lhe a receita e ambos se levantam. Ele a abraça, deitam-se na mesa, simulam um ato sexual, erguem-se, ela sai naturalmente e ele volta a se sentar, acendendo um cigarro. A luz se apaga.

XLIII

A luz se acende. Jurados estão sentados em semicírculo, ao redor de um juiz. Em frente há um réu, sentado. Dois advogados estão em pé, um de cada lado do réu. O juiz se levanta, diz “Condenado” e se senta. Um dos advogados vai até o juiz, entrega-lhe dinheiro, vai até os jurados, dá-lhes dinheiro e volta a sua posição original. O juiz se levanta e diz “Absolvido”. Todos saem carregando as cadeiras, grudadas na bunda.

XLIV

Um homem e uma mulher, visivelmente grávida, mal vestidos, rastejam toda a extensão do palco.

XLV

Um homem mal vestido, mas nem tanto, entra rolando uma roda quadrada e outro ao seu lado, bem vestido, entra rolando uma roda redonda (ambas as rodas estão caracterizadas como tais, com um furo - redondo, em ambas - no centro e raios que vão do centro à superfície). O segundo anda mais rápido e sai do palco antes; o primeiro leva mais tempo, vai enxugando o suor e também sai.

XLVI

Entram várias pessoas em fila indiana. A primeira carrega um globo. Mais à frente, entrega-o à segunda e assim sucessivamente, mas todas seguem andando. A última deixa o globo no palco (próximo à lateral) e sai.

XLVII

Entram um homem, uma mulher e duas crianças. O homem carrega um rádio de pilha ao ouvido - o som pré-gravado de um jogo do Flamengo é ouvido durante a cena. Caminham até o outro lado do palco onde está o globo. O homem tropeça no globo e cai. As crianças começam a brincar com o globo, à guisa de bola, e começam a chutá-lo para fora do palco, às gargalhadas; a mulher ajuda o homem a se levantar e saem todos. O som do jogo só diminui quando saem, com a luz se apagando.

XLVIII

Quando a luz se acende, do lado esquerdo do palco estão três putas, vestidas no estilo boate erótica (em lingerie); no centro está uma perua, bonita, bem vestida, mas meio brega; um pouco mais afastada, encontra-se uma mulher vestida no estilo executiva, falando ao telefone celular e consultando o relógio incessantemente; mais afastada ainda está uma mulher simples, em atitude submissa, com as mãos cruzadas na altura do colo (estilo virgem estereotipada e envergonhada); por fim, do lado direito do palco, estão três adolescentes bonitas, bem vestidas, como quem vai dançar numa danceteria, mascando chiclete e rindo à toa (os grupos não estão em linha reta, variando sua posição na profundidade). Um homem em trajes normais entra pelo lado direito do palco e vai parando de grupo em grupo, rapidamente observando, estudando e conversando com as mulheres. Ao final da pesquisa, vem ao centro do palco, coça o queixo em atitude pensativa, volta ao grupo das putas, escolhe uma e sai pelo lado oposto de braços dados, ao som estridente da “**Marcha Nupcial**” de Mendelssohn. A luz se apaga abruptamente.

XLIX

A luz se acende repentinamente, após um curto período no escuro. Uma mesa de restaurante com um casal. O garçom traz a conta, a mulher paga, o casal se levanta. A mulher vai para a direita, o homem a chama de volta e a repreende; os dois saem pela esquerda, discutindo e gesticulando. Enquanto saem, toca a canção de Erasmo Carlos, no trecho que diz “eu preciso manter minha fama de mau”, entremeada com passagens de “Amélia”.

L

Um rei traz seu trono e senta-se no centro do palco. Um grupo corre até o trono - é uma revolução - depõe o rei, que vai para o meio do grupo, e para o trono sobe um dos homens do grupo. O grupo se dispersa e volta a se reunir em volta do trono - outra revolução -, depõe o novo rei e outro homem sobe para o trono, com as roupas do rei, que foram trocadas durante a cena. Quando o grupo começa a se dispersar novamente, a luz vai se apagando. Durante toda a cena, ouve-se a gravação de passagens do Chacrinha: “Terezinha” e “Vai para o trono ou não vai”, com a resposta do coro “Vai...”

LI

A luz se acende bem lentamente. Um homem com uma pá simula plantar algo, enquanto uma mulher finge regar o que ele plantou. Saem do palco e a luz se apaga. Quando se acende, repentinamente, há um rapaz de braços abertos. A luz se apaga outra vez. Quando se acende, o rapaz está com a cabeça e os braços arriados. A luz se apaga. Quando se acende, o rapaz está ajoelhado. A luz se apaga mais uma vez. Quando se acende, o rapaz está deitado. A luz se apaga. Quando se acende, um grupo de jovens dança como numa danceteria (o som pré-gravado de funk é ouvido) em volta do rapaz. A luz se apaga rapidamente. O palco fica às escuras por algum tempo.

LII

Quando a luz se acende, dois casais se esfregam e se beijam, um em cada lado do palco. A mulher de um dos casais e o homem do outro saem do palco, ambos acenando adeus para os extremos do palco que não os seus, como se os quatro se conhecessem. O casal que sobra vai até o meio do palco (onde há uma mesa e duas cadeiras); os dois se beijam no rosto e se sentam, conversando. A luz começa a se apagar gradualmente, enquanto os dois se levantam e saem bem abraçados, após um longo beijo na boca, rindo e conversando.

LIII

Uma adolescente bem vestida e um velho rastejam toda a extensão do palco. Ela séria e ele gemendo.

LIV

Um homem de terno entra por um lado do palco, com um mapa preto do Brasil e o entrega a outro, fardado, que lhe dá um pacote de dinheiro. Este último caminha até o centro do palco, onde encontra outro homem, de terno e gravata, a quem entrega o mapa e exhibe a saudação hitleriana, saindo do palco. O homem de terno vai até o outro lado do palco, onde há uma lata de lixo e uma mulher bem vestida. Os dois se beijam, ele deixa o mapa no chão, encostado à lata de lixo e os dois saem. Logo entra um adolescente, pega o mapa, olha-o, como se tentasse estudá-lo e joga-o na lata de lixo, enquanto sai pelo outro lado, com a luz se apagando.

LV

Luz apagada. Voz de um padre: “E então, depois dessa palhaçada, eu vos declaro marido e mulher, até que qualquer babaquice, muito sexo ou dinheiro vos separe.” A luz se acende. Há um casal no centro do palco, o homem de terno e a mulher vestida de noiva, um de costas para o outro. O palco está claro, mas nem tanto. Cada um porta uma lanterna. Saem procurando algo com o facho das lanternas, pelo chão, teto, paredes, plateia, até que um procura algo no outro, separam-se e, procurando ainda por algo, zigzagueiam cada um em direção a um lado do palco e saem. A luz se apaga.

LVI

A luz se acende. Um enorme barril está no centro do palco, com quatro ou cinco pessoas (homens, mulheres e crianças) representando povos diferentes, com vestimentas características: um oriental, um hindu, uma tirolesa, um americano com chapéu do Tio Sam e uma brasileira morena de biquíni (pode haver outras pessoas). Chegam juntos um pastor, um policial (militar?) e um homem de terno e gravata, com uma banana de dinamite e um pavio bem comprido. Os habitantes do barril, que conversavam sorridentes, param e começam a ficar nervosos, assustados. O pastor joga a dinamite no barril, o policial estica o pavio até a lateral do palco (os outros dois o acompanham) e o homem de terno põe fogo no pavio. A luz se apaga, mas o fogo do pavio vai visivelmente se alastrando em direção ao barril e de repente se apaga (pode ser o foco de um spot se deslocando no palco). A luz se acende e um padre vem correndo atear fogo ao pavio outra vez. A luz se apaga e só o fogo do pavio é visto pela plateia, aproximando-se do barril. De repente, ouve-se uma terrível explosão pré-gravada. Os ecos permanecem na escuridão.

LVII

A luz se acende. No meio do palco balança um enorme pêndulo. Pode ser um fio com um peso amarrado, mas o peso é uma enorme nota de 100 dólares. Balança durante pouco tempo e cai no chão. A luz se apaga e ouve-se de novo a explosão da cena anterior.

LVIII

A luz se acende, quando entram um homem e uma mulher, que caminham até a nota, abaixam-se, tocam a nota, pegam-na e a olham. Subitamente, largam-na, caem no chão e levam as mãos ao pescoço, como se sufocassem. Morrem agonizando, com a luz que se apaga.

LIX

Um homem das cavernas com um aviãozinho em uma das mãos e uma garrafa de cerveja na outra entra no palco, olhando em torno, mas de costas para o público. De repente, olha a plateia, para, dá um grito assustado e sai correndo do palco.

LX

Uma velha, pobrementemente vestida, mas não maltrapilha, cruza toda a extensão do palco, arrastando-se. Próximo do final, para e entra o hino nacional (interrompe-se o tic-tac), na parte do “Ouviram do Ipiranga...” Ela se levanta, põe-se em posição de respeito, e logo a rotação cai até que se interrompe o hino. Ela se deita de novo e sai se arrastando do palco ao som do tic-tac, que recomeçou. As luzes se apagam, exceto um spot diáfano sobre o local por onde ela saiu. O som do tic-tac aumenta de forma ensurdecadora; depois vai diminuindo até se estabilizar, continuando até a saída do último espectador.

TIC-TAC-TIC-TAC-TIC-TAC-TIC-TAC-TIC-TAC-TIC-TAC-TIC-TAC-TIC-TAC-TIC-TAC-TIC-TAC-TIC-TAC-T

Copyright